

A capoeira angola em Porto Alegre

Capoeira Angola in Porto Alegre

Marco Antonio Saretta Pogli

Doutor em Antropologia Social pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)¹

Magnólia Dobrovolski

Mestranda em Museologia e Patrimônio pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)²

Resumo

Uma diversidade de grupos e linhagens constitui a cena atual da capoeira angola em Porto Alegre. Cidade portuária, como os grandes centros da capoeira no país, há documentos históricos sobre a capoeiragem na capital gaúcha desde o século XIX e, sobretudo, relatos fornecidos por cronistas do século passado, além de fragmentos publicados pela imprensa da época. Entretanto, a capoeira praticada no Rio Grande do Sul atualmente, organizada a partir de grupos, tem sua origem nos anos 1970, sob a influência de outros estados, como Bahia e Rio de Janeiro. Assim como em outras capitais, a capoeira angola enfrentou muitos desafios e conflitos sociais para se estabelecer em Porto Alegre, fortalecendo-se a partir da década de 1990. Neste artigo, buscamos contribuir para a compreensão do desenvolvimento da capoeira angola porto-alegrense, tendo como principal referência a memória oral dos mestres e lideranças, assim como pesquisas acadêmicas recentes e outras publicações sobre o tema.

Palavras-chave: capoeira angola; Porto Alegre; memória oral

¹ Membro do GEAFRO – Grupo de Estudos Afro (NEAB/UFRGS) e capoeirista da Áfricanamente Escola de Capoeira Angola.

² Treinela da Áfricanamente Escola de Capoeira Angola.

Abstract

The current scene of capoeira angola in Porto Alegre, in the state of Rio Grande do Sul, is comprised of diverse groups and lineages. Porto Alegre is a port city like the other important capoeira hubs in Brazil. There are historical documents about capoeiragem in the capital of Rio Grande do Sul since the 19th century. Such documents are mainly provided by 20th century writers and excerpts published by the press at the time. However, the group-oriented capoeira practiced in Rio Grande do Sul today has emerged in the 1970s. It has been largely influenced by capoeira styles from other states, such as Bahia and Rio de Janeiro. As in other capitals, capoeira angola has faced many challenges and social conflicts to establish a foothold in Porto Alegre. It became stronger from the 1990s onwards. In this article, we seek to contribute to the understanding of how capoeira angola has developed in Porto Alegre. Our main source of reference is the oral memory of capoeira masters and leaders as well as recent academic research and other publications on the subject.

Keywords: *capoeira angola; Porto Alegre; oral memory*

Introdução

Uma diversidade de grupos e linhagens constitui a cena atual da capoeira angola em Porto Alegre³. Nos últimos anos, vários trabalhos acadêmicos vêm sendo realizados, dedicando-se integralmente ou em parte à capoeira praticada na cidade, geralmente realizados por capoeiristas a partir da atuação de grupos específicos ou com recortes delimitados⁴. Pesquisas acadêmicas sobre a história da capoeira porto-alegrense, especialmente no que diz respeito à capoeira angola, são ainda bastante pontuais. Merece destaque, nesse sentido, o Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física desenvolvido por Mestre Guto Obáfemi (DUTRA, 2019) sobre as matrizes da capoeira porto-alegrense, no qual recorre à memória oral de vários mestres e capoeiristas locais.⁵ Outro TCC do mesmo curso, realizado pelo capoeirista Ederson Dornelles em 2011, foi o primeiro a se dedicar à oralidade de mestres de capoeira gaúchos. Neste artigo, buscamos contribuir para a compreensão do desenvolvimento

³ Agradecemos a leitura e os comentários valiosos de Mestre Guto Obáfemi e Érico Carvalho.

⁴ Ver Gravina (2010), Dornelles (2011), Pogleia (2010, 2014), Carvalho (2016, 2019), Barbosa (2017), Silva (2019), Pereira (2019) e Brito (2011).

⁵ Além deste trabalho acadêmico, Mestre Guto produziu junto ao Ponto de Cultura Africanamente – do qual é líder e os autores são integrantes – alguns registros importantes sobre a capoeira em Porto Alegre, disponíveis na internet, nas redes sociais da instituição. Os depoimentos de Mestre Cau, considerado o primeiro mestre de capoeira do Rio Grande do Sul, e de Mestre Índio serão utilizados como referência nesse texto, devidamente referenciados. Ambos tiveram a colaboração de Marco Pogleia, um dos autores do presente artigo.

da capoeira angola porto-alegrense, tendo como principal referência a memória oral dos mestres e lideranças a partir dos depoimentos produzidos para o projeto *Angola Poa: expressões da capoeira angola em Porto Alegre*, por nós realizado, assim como pesquisas acadêmicas recentes e outras publicações sobre o tema. Nessa perspectiva, exceto quando forem citadas fontes externas, as citações das falas dos mestres e lideranças da capoeira angola presentes no texto são provenientes dos depoimentos para aquele projeto, todos eles disponíveis integralmente na internet.

O texto está subdividido em cinco seções. Iniciamos apresentando brevemente o projeto *Angola Poa*. A seguir, retomamos alguns registros sobre a presença da capoeiragem na cidade de Porto Alegre, até as primeiras décadas do século passado. Na terceira seção, percorremos o início do ensino formal de capoeira na capital gaúcha, com o estabelecimento dos primeiros grupos de capoeira na cidade durante a década de 1970. Aqui, não restringimos a descrição à capoeira angola, pois grande parte dos mestres e lideranças angoleiras atuais iniciaram as suas trajetórias praticando outros estilos, voltando-se mais tarde para esta prática. Foi a partir dos anos 1980, período em que a capoeira angola ganha novo impulso na Bahia (BARRETO, 2016; MAGALHÃES, 2012), que muitos capoeiristas gaúchos começaram a realizar oficinas com mestres baianos em Porto Alegre e também a viajar àquele estado em busca de conhecimento. Esse processo, que culminou com o surgimento de diversos grupos de capoeira angola nos anos 1990, será abordado na quarta seção, juntamente com os seus desdobramentos após a virada do século. O artigo encerra com algumas considerações finais dos autores.

O projeto *Angola Poa*

O projeto *Angola Poa: expressões da capoeira angola em Porto Alegre* foi idealizado há cerca de uma década, a partir da constatação da carência de pesquisas sobre a capoeira no Rio Grande do Sul (POGLIA e DOBROVOLSKI, 2014). O projeto foi realizado com um recorte específico: os grupos autodenominados praticantes de capoeira angola em atuação no município de Porto Alegre, com trabalhos consolidados e reconhecidos pela comunidade angoleira. Ao longo de 2013 e 2014, realizamos entrevistas com os mestres e lideranças dos grupos em atuação na cidade, produzindo 11 vídeos, todos eles disponibilizados na internet para acesso público. Em 2016, tivemos oportunidade de produzir mais dois depoimentos, completando os 13 vídeos

disponíveis nas redes sociais do projeto⁶. Não tivemos a pretensão de reconstituir toda a história da capoeira angola praticada na cidade, pois isso demandaria uma investigação sobre outros grupos e capoeiristas que atuaram em períodos anteriores e também sobre a importante participação de grupos e capoeiristas de cidades próximas, o que ultrapassa os limites do projeto. Entretanto, acreditamos que o conjunto dos depoimentos dos mestres e lideranças realizados possibilita construir um panorama do desenvolvimento da capoeira angola em Porto Alegre.

O material produzido no projeto tem servido como fonte para alguns trabalhos acadêmicos⁷. Atualmente, está em fase de produção um livro reunindo todos os depoimentos para o projeto Angola Poa, com materiais adicionais e um artigo sobre as referências históricas à capoeira em Porto Alegre até o início do século XX.

A capoeira em Porto Alegre até meados do século XX

Sendo Porto Alegre uma cidade portuária, como os grandes centros da capoeira no país, há documentos históricos sobre a capoeiragem na capital gaúcha desde o século XIX, tema encontrado também nos relatos de cronistas do século passado e fragmentos publicados pela imprensa da época (MATTOS, 2009). No livro *História Popular de Porto Alegre*, publicado em 1940 por ocasião das comemorações do bicentenário da cidade, que reúne as publicações do famoso cronista Achylles Porto Alegre (1848–1926), encontramos a crônica “Tinteiros e Bagadús”, que indica a forte presença da capoeira na cidade no século XIX. Segundo o autor, o título se deve aos nomes de dois grupos que rivalizavam por meio da capoeira:

Em Porto Alegre, há mais de meio-século, havia os Tinteiros e Bagadús. Estes eram constituídos pelos rapazes do 3º distrito e aqueles pelos de outra zona da cidade. Esses dois partidos degladiavam-se terrivelmente. Armavam conflitos formidáveis, e eram irreconciliáveis. Não se pense que “Tinteiros” e “Bagadús” compunham-se somente da garotada vagabunda. Não. Muitos rapazes de boa família faziam parte, como chefes ou simples soldados, desses grupos arruaceiros que em certos dias da semana, punham na “urbs” alguma nota belicosa.

Além disso, nesse tempo, a cidade estava infestada pela praga terrível dos “capoeiras”. (...) Ora, nessas lutas “domingueiras” (eram sempre aos domingos) entre “Tinteiros” e “Bagadús” as armas empregadas era a capoeira e a pedra (PORTO ALEGRE, 1940, p. 94).

⁶ Todos os vídeos estão disponíveis no canal do Youtube do projeto *Angola Poa*. Ver também a fanpage do projeto na rede social Facebook: <https://www.facebook.com/Angolapoa>.

⁷ Ver, por exemplo, Dutra (2019), Dantas (2019), Barbosa (2017) e Carvalho (2016).

Era no terceiro distrito, apontado por Achylles Porto Alegre como a morada dos Bagadús, que se localizava a Colônia Africana, bairro habitado predominantemente pela população negra na segunda metade do século XIX, assim como o Areal da Baronesa. É interessante perceber que a capoeira já não era, de acordo com o cronista, uma prática restrita a uma classe social específica. Nessa época, como se sabe, a capoeira foi fortemente perseguida no Brasil e a sua prática foi expressamente proibida pelo Código Penal da República de 1890. Há também vários relatos que indicam o enfrentamento dos capoeiras com a guarda municipal da época, os “ratos brancos”, como eram chamados devido à farda branca utilizada pelos oficiais (TERRA, 2001, p. 21).

As histórias narradas por Mestre Churrasco, um dos mais antigos mestres do Rio Grande do Sul em atividade, sobre os seus primeiros contatos com a capoeira em Porto Alegre, ainda na adolescência, quando trabalhava como engraxate no centro da cidade, se aproximam de muitos relatos encontrados nas bibliografias sobre os capoeiras do passado nos grandes centros urbanos: histórias de marinheiros “pintando arrelia” em disputas de territórios e relações com a prostituição⁸. Conforme relembra o mestre:

Cabeçada e rasteira era o que, aqui no Sul, era capoeira. (...) E naquela época eu ainda não tinha um mestre de capoeira, técnico, para me ensinar as técnicas de capoeira. Que eu era mais capoeira de olhar, que eu vi. Eu vi capoeira em movimento no Cais do Porto. Depois, a capoeira que eu encontrei por aí na rua foi uma capoeira de marinheiro lá na Voluntários da Pátria, que era uma capoeira de briga. Os marinheiros brigando, naquela época, por causa do negócio da prostituição, com os gigolôs daquelas mulheres lá, dava uma pauleira direto na Voluntários (MESTRE CHURRASCO, 2014).

O ensino formal de capoeira em Porto Alegre teve início no final dos anos 1960, consolidando-se na década seguinte, com a chegada de mestres que migraram de outros estados para ensinar a capoeira na cidade.

Os anos 1970 e o ensino formal de capoeira em Porto Alegre

O primeiro capoeirista que se tem notícias a desenvolver trabalhos voltados para o ensino de capoeira em Porto Alegre foi o gaúcho Henri Carlos Xavier da Silva, conhecido como Mestre Cau. Nas últimas décadas, os capoeiristas porto-alegrenses tinham

⁸ O caso mais conhecido é o conflito de Pedro Mineiro com marinheiros em Salvador, em 2014, com o famoso “caso do Saldanha” (DIAS, 2005), imortalizado nas ladainhas de capoeira. Em seus manuscritos, Mestre Noronha comenta a atuação dos “desordeiros” (como eram chamados os capoeiras do início do século passado) na Bahia: “Todos os lugares que existia zona a desordem continuava tanto da parte dos marinheiros como dos desordeiros” (COUTINHO, 1993, p. 24).

algumas poucas informações sobre ele. Dizia-se que era um caminhoneiro, cujo paradeiro não se sabia, nem onde ele havia aprendido a capoeira. Somente em 2020 alguns capoeiristas o reencontraram, já com setenta e quatro anos de idade, no litoral gaúcho, onde reside atualmente. Nascido na cidade de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, filho de pai militar, ele se mudou com a família para o Rio de Janeiro no início dos anos 1960, durante a adolescência⁹. Foi lá que aprendeu a capoeira, no bairro Maria da Graça, e passou a conviver com os capoeiristas da Zona Norte carioca. Ainda na mesma década, Mestre Cau retornou para Porto Alegre e começou a dar aulas de capoeira em sua residência, no bairro Teresópolis. Mais tarde, ele conseguiu um espaço para as aulas em um clube do bairro, alcançando dezenas de alunos.

Nos anos seguintes, Mestre Cau ministrou aulas em centros comunitários e clubes de Porto Alegre. Foi nesses espaços que Mestre Churrasco, seu discípulo, começou a fazer aulas de capoeira, no início dos anos 1970, e também Mestre Ratinho, em 1974. Eles são os dois mestres de capoeira angola mais antigos de Porto Alegre em atividade. Juntamente a Mestre Cau, também ministrava aulas de capoeira um baiano, ogã de candomblé, conhecido por Mestre Vadinho. Outros mestres porto-alegrenses também afirmam ter conhecido a capoeira com Cau e Vadinho. Mestre Cau nunca exerceu a capoeira como fonte de renda e as frequentes viagens por demanda profissional – ele trabalhava como representante comercial da empresa Mercedes-Benz (o que possivelmente originou a hipótese de que fosse caminhoneiro) –, acabaram por afastá-lo da capoeira ainda nos anos 1970.

Mestre Churrasco foi um aluno muito dedicado e com poucos anos de prática já começou a ensinar a capoeira para seus irmãos e outras crianças do bairro, no Mato Sampaio, região periférica da cidade, que atualmente pertence ao bairro Bom Jesus: “comecei a ensinar meus irmãos, meus primos, comecei a dar aula no fundo da minha casa, nos fundos do pátio. Depois comecei a ensinar aqui no Centro, comecei a dar aula de rua no Centro, com o pessoal de rua. Depois comecei a fazer roda de rua”, afirma (MESTRE CHURRASCO, 2014). Mestre Ivonei relembra esse período:

Áí eu venho treinar capoeira com o Churrasco em 1975, a gente treinou até 1979, 1980, por aí, porque o Mestre Churrasco foi viajar, não me recordo bem, mas ele foi pro Rio ou pra Salvador. (...) Então a gente fazia capoeira aqui na Bom Jesus. A Bom Jesus foi o foco da capoeira na grande Porto Alegre. Onde tinha mais capoeiristas era dentro da Bom Jesus. Hoje

⁹ Aqui seguimos o depoimento do Mestre Cau para Mestre Guto, disponibilizado pelo Ponto de Cultura Áfricanamente: https://www.youtube.com/watch?v=9SDr_AaKTLM

a prefeitura fala em fazer trabalho social, mas o primeiro trabalho social pra nós quem fez foi o Jean Batista, que é o Mestre Churrasco. Nós íamos pra casa dele treinar capoeira e depois ele fazia sopão, fazia qualquer outra história pra nós comer, já que passávamos o dia todo lá na casa dele. E não era um, era uma média de umas 30 a 40 crianças lá, tudo treinando com ele (MESTRE IVONEI, 2014).

Nessa época, Mestre Churrasco fundou o grupo Zumbi dos Palmares, que alguns anos mais tarde, no final da década de 1970, passa a se chamar Associação de Capoeira Angola Zumbi dos Palmares (ACAZUP)¹⁰. Embora a demarcação entre diferentes estilos de capoeira ainda não fosse tão presente entre os capoeiristas gaúchos nos anos 1970, Mestre Churrasco reivindica esse pertencimento à capoeira angola no seu aprendizado com Mestre Cau. Conforme afirma, esse aspecto se tornou mais evidente quando ele passou uma temporada na Bahia, na década seguinte, e reconheceu a semelhança entre a movimentação ensinada por Cau e aquela realizada pelos angoleiros baianos: “Então o cara era ‘o cara’ e eu não sabia. Ele era um mestre que tinha fundamento” (MESTRE CHURRASCO, 2014).

Com o grupo Zumbi, Mestre Churrasco começa a fazer rodas de capoeira na rua, em parques e praças públicas. Se hoje essa é uma prática corrente em Porto Alegre, na época a capoeira era muito pouco conhecida pela sociedade gaúcha. O Brasil vivia o período de ditadura militar e a repressão também se fazia sentir entre os capoeiristas de rua. Mestre Churrasco narra uma ocasião em que a polícia interrompeu uma roda e tentou levar presos os capoeiristas: “aquele monte de piá pulando pra um lado e pra outro, ninguém sabia o que era aquilo ali. Nós brincando capoeira e, quando eu vi, cercaram a roda e começaram a agarrar todo mundo” (MESTRE CHURRASCO, 2014). Mas apesar das muitas dificuldades encontradas, as rodas de capoeira organizadas por Mestre Churrasco com o grupo Zumbi dos Palmares marcaram a história da capoeira porto-alegrense. O mestre relembra o início desse processo:

Aí aquele pessoal de fundo de quintal começou a frequentar o centro da cidade, que eles não tinham acesso ao Centro, eles ficavam só lá na vila. “Ah! fazer o que no centro?”. Mas depois descobriram que eles eram artistas, eram capoeiristas, a primeira roda juntou um monte de gente... bah! um monte de gente nos olhando. Quantidade de gente que não era nunca visto por ninguém, aqueles guris ficavam lá na vila de bobeira, só sentado, ninguém via eles com nada. Aí chegaram no centro dando pernada, aquele monte de gente! Antigamente juntava muita gente para assistir roda de capoeira, não é que nem hoje. Hoje, roda de capoeira junta meia dúzia. Tem roda que eu vi que é só os capoeiristas olhando a roda. Não tem o público.

¹⁰ Mestre Churrasco já formou diversos mestres e contramestres do grupo Zumbi dos Palmares, com destaque para os seus irmãos, Mestre Bartelemei e Mestre Michel, e Mestre Erasmo.

Porque naquela época nós fazíamos capoeira arte, nós brincávamos capoeira, nós ríamos, nós sacaneávamos, nós alegrávamos o povo que tava nos olhando. Não era capoeira para nós... Não, eu fazia capoeira pra alegrar. Tinha gente que vinha do interior pra assistir as nossas rodas de capoeira. Vinha gente de fora, trazia a família. Eu sei que na Redenção tem foto que tem gente em cima de árvore. Porque era tanta gente pra assistir, né? E outra coisa, primeiro que não tinha tanta roda de capoeira, era só a nossa. Capoeira era novidade na época. (MESTRE CHURRASCO, 2014)

O Parque da Redenção, como é popularmente conhecido o Parque Farrroupilha, se localiza em uma região habitada por comunidades negras de Porto Alegre no período pós-abolição, e seu nome faz referência ao movimento abolicionista (VIEIRA, 2017, p. 98-99).

Mais tarde, outros capoeiristas se aproximaram do grupo Zumbi dos Palmares. Dentre eles, os mestres Paulo de Jesus e Renato Capoeira. Mestre Paulo aprendeu capoeira inicialmente com o seu pai, que veio do Rio de Janeiro, como forma de defesa: “quando eu saía pra rua pra brincar com o pessoal e aconteciam as brigas, eu nunca dava soco, só queria dar pontapé e rasteira, mas ele nunca falou pra gente que aquilo era capoeira” (MESTRE PAULO, 2014). Na adolescência, ele começou a ensinar Mestre Renato, que era seu vizinho, e outros adolescentes do bairro, na Zona Sul de Porto Alegre, e mais tarde começaram a frequentar as rodas da Redenção. De acordo com o Mestre Renato:

Foi lá pro final da década de 1970 e a maioria das referências de capoeira que eu tinha não foi de academia, nesse passar do tempo quando o Paulo começou a nos levar pra fazer capoeira na Redenção. (...) vim conhecer Renato Marinheiro, que ele veio da Marinha jogando capoeira, o Júlio que veio de São Paulo jogando capoeira e vários outros que vieram, assim. Jaburu e Norberto já vieram crianças, adolescentes jogando capoeira do Rio de Janeiro também. Então a capoeira sempre teve influência de vários outros capoeiristas que traziam as suas formas de jogo e relações de convívio pra dentro do que a gente chamava na época de Grupo Zumbi dos Palmares (MESTRE RENATO, 2014).

Segundo o mestre, os encontros dos capoeiristas não se resumiam à prática da capoeira, pois eles também faziam samba de roda no parque e se encontravam para frequentar as festas *Black Power* que aconteciam na cidade. Mestre Renato argumenta ainda que nessa época “a capoeira toda, a influência que tinha, era Rio de Janeiro. A maior referência que eu ouvia, que eu me lembro, sobre a capoeira naquela época era Mestre Leopoldina” (MESTRE RENATO, 2014). Mestre Jaburu e seu irmão Norberto, citados acima, aprenderam capoeira no Rio de Janeiro com Mestre King (ou Mestre Nelson) nos anos 1970, quando foram morar com a família naquela cidade.

Mestre Jaburu relembra:

Então eu fui pro Rio, na Quinta da Boa Vista, isso em 1974. E eu me sentei em um lugar e fiquei olhando, assim, uma negrada jogando capoeira. Então eu fugi de casa, eu e meu irmão, e nós ficamos sentados assim olhando e eu pensando: “o que é isso?”. Então fomos pra casa, era uma caminhada até a Quinta da Boa Vista, e eu me encantei com aquele jeito da pernada carioca (MESTRE JABURU, 2014).

Quando chegaram em Porto Alegre, os irmãos reconheceram no grupo Zumbi dos Palmares o estilo de capoeira parecido com aquele que praticavam no Rio de Janeiro, passando a frequentar as atividades do grupo. Segundo Mestre Jaburu, ele foi convidado por seu irmão, que, diante da sua relutância inicial, argumentou: “Pô, mas é que nem no Rio de Janeiro, com pessoas que não têm roupa, não tem nada, e tão ali jogando” (MESTRE JABURU, 2014).

Foi também ao longo dos anos 1970 que se consolidou em Porto Alegre a prática da capoeira em academias, mais voltada para o viés esportivo, constituindo o que atualmente é chamado de “capoeira contemporânea”. Esse processo, que tem início com a chegada de Mestre Índio (Manoel Olímpio) a Porto Alegre, é descrito detalhadamente na pesquisa realizada por Mestre Guto (DUTRA, 2019). A maior parte desses grupos era composta de jovens brancos de classe média e o acesso dos capoeiristas das periferias a essas academias era muitas vezes negado, conforme relatam alguns mestres, gerando conflitos com os capoeiristas do grupo Zumbi. De acordo com Mestre Ivonei, “nós treinávamos aqui na Bom Jesus e fazíamos roda com frequência na Redenção, onde na época nós éramos oprimidos pelos outros grupos e considerados muitas vezes como os marginais da capoeira de Porto Alegre” (MESTRE IVONEI, 2014). Mestre Jaburu acrescenta: “Os caras tentavam invadir as nossas rodas pra dá-lhe pau, as academias já estavam tomando conta das coisas, com os caras todos uniformizados, e a gente ali fazendo aquele ‘arerê’ todo” (MESTRE JABURU, 2014).

Nos anos 1960, tiveram início os shows folclóricos na Bahia, onde ganhou destaque o *Conjunto Folclórico Viva a Bahia*, fundado em 1962 pela etnomusicóloga Emília Biancardi, que assinava também a direção artística do grupo (MAGALHÃES, 2012; HÖFLING, 2015). Na década seguinte, a atuação desses grupos ganhou força e teve papel fundamental na difusão da capoeira pelo país, especialmente para a região Sudeste, e posteriormente para o exterior. Mestre Índio – reconhecido capoeirista do Mercado Modelo, de Salvador – foi um dos integrantes do *Viva a Bahia* e, por vol-

ta de 1970, foi convidado para fazer shows em uma boate de Porto Alegre. Além da capital, ele fez várias apresentações no interior do Rio Grande do Sul. Após algumas visitas à cidade, Mestre Índio é convidado, por volta de 1974, para dar aulas de capoeira no Clube Petrópolis, fixando residência em Porto Alegre. Conforme o depoimento concedido a Mestre Guto para o projeto Memórias da Luta do Povo Negro em Porto Alegre¹¹, somente os mestres Cau e Vadinho, além de Mestre Churrasco, desenvolviam trabalhos com a capoeira na cidade na época em que migrou para o Sul. A partir de então, Mestre Índio passa a dar aulas em diversas academias privadas e outros locais, como o Centro Universitário Metodista IPA. “Eu ensinava a capoeira como luta”, afirma (MESTRE ÍNDIO, 2020). Atualmente, há diversos núcleos do grupo Oxóssi no Rio Grande do Sul que desenvolvem trabalhos sob a orientação de Mestre Índio.

Outro nome que se destacou nessa época foi o carioca Mestre Souza (Ananilson Monsueto de Souza), também conhecido por Mestre Monsueto¹². Em 1974, Mestre Monsueto migrou para Porto Alegre para dar aulas de caratê na Academia Kidokan, no centro da cidade, onde começa em seguida a dar aulas de capoeira. Em 1978, o baiano Mestre Cerqueira começa a dar aulas com Mestre Monsueto, que nos anos seguintes se afasta e passa a dar aulas em uma academia concorrente (DUTRA, 2019, p. 47). Ainda na mesma década, chega a Porto Alegre o paranaense Mestre Paulinho Matogrosso, à época contramestre do grupo Muzenza, que cria um núcleo do grupo na cidade, seguido por Mestre Ferro Velho. Muitos mestres e lideranças atuais da capoeira angola porto-alegrense iniciaram a capoeira ou tiveram aulas com esses mestres que vieram para a cidade nos anos 1970.

Mestre Ratinho, já afastado das aulas com Cau e Vadinho há um ano e meio, chegou a treinar com os mestres Monsueto e Índio, mas seguiu a sua trajetória com a criação do grupo Filhos da Vivência, junto a estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Inicialmente os treinos do grupo aconteciam no Centro Universitário de Engenharia (CEUE). Mais tarde, quando ingressou na faculdade de Educação Física no Centro Universitário Metodista IPA, ele seguiu as atividades do grupo naquela instituição. Conforme Mestre Ratinho:

E foi aí que nós demos o nome de Filhos da Vivência, porque nós não tínhamos mestre, era a vivência, então por isso que ficou esse nome, Filhos da Vivência. E esse grupo tá até hoje aí,

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=snHAMIIvFtg>

¹² Sobre Mestre Monsueto e sua atuação em Porto Alegre nos anos 1970, ver Dornelles (2011).

mas começou lá no CEUE. Isso foi em 1978, 1977, por aí. Em 1979 eu entro na faculdade para fazer o curso de Educação Física. E lá na faculdade logo montamos um grupo, e logo surgiu de novo os Filhos da Vivência. O CEUE eu tive que largar porque eu tinha que estudar de noite na faculdade e não tinha como segurar o CEUE (MESTRE RATINHO, 2014).

Outro personagem importante para a capoeira de Porto Alegre foi o baiano Mestre Miguel Machado, fundador do grupo Cativeiro (Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Cativeiro). Ele vem a Porto Alegre pela primeira vez por volta de 1980, a convite de Mestre Ratinho e outros capoeiristas do grupo Filhos da Vivência, que o haviam conhecido em um evento de capoeira no Rio de Janeiro. Em seguida, ele fixa residência na capital gaúcha, onde fundou um núcleo do seu grupo, que atrai vários capoeiristas porto-alegrenses. Mestre Miguel permaneceu residindo em Porto Alegre por cerca de quatro anos retornando com frequência à cidade nos anos seguintes para orientar o grupo, ainda hoje em atividade. A chegada de Mestre Miguel a Porto Alegre coincidiu com algumas viagens de Mestre Churrasco, que na década de 1980 passou temporadas no Rio de Janeiro e na Bahia em busca de conhecimento sobre a capoeira, como aponta a fala do Mestre Ivonei, acima. Assim, parte significativa dos integrantes do grupo Zumbi dos Palmares passou a treinar no Cativeiro. Dentre eles Mestre Ivonei, que permaneceu no grupo e atualmente é uma das lideranças em Porto Alegre. Também fizeram parte do Cativeiro, nessa época, Mestre Ratinho, que se desligou do Filhos da Vivência para ingressar no grupo, e Mestre Jaburu. Hoje ambos são mestres dos grupos Rabo de Arraia e Guayamuns, respectivamente, grupos de capoeira angola atuantes na capital gaúcha. De acordo com Mestre Ratinho:

O Miguel realmente revolucionou a capoeira aqui no Rio Grande do Sul. Quem não foi aluno com ele, por tabela aprendeu as coisas de Miguel. Começaram a ver outra capoeira, o Miguel mostrou outra capoeira no Sul. (...) o Miguel trouxe uma coisa diferente, a questão política da capoeira e a questão do negro na capoeira. Ele que traz essa discussão sobre a questão racial, sobre a questão da identidade, da raiz (MESTRE RATINHO, 2014).

O grupo Cativeiro foi fundado por Mestre Miguel, juntamente a outros mestres, em 1978, na cidade de São Paulo, onde ele residia na época. Uma das preocupações do Cativeiro, no momento de sua fundação, era a afirmação da capoeira como parte da cultura afro-brasileira. Significativamente, nascia na capital paulista, naquele mesmo ano, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente apenas Movimento Negro Unificado (MNU). Um dos elementos emblemáticos nesse processo de afirmação identitária do Cativeiro, além do próprio

nome do grupo, foi a introdução de um novo sistema de graduações baseado nas cores relacionadas aos orixás do candomblé.¹³

É significativo também perceber que Mestre Churrasco deu o nome de Zumbi dos Palmares ao seu grupo, que reunia os jovens negros da periferia porto-alegrense, ainda nos anos 1970. Desde 1971, o Grupo Palmares (grupo de intelectuais negros porto-alegrenses, dentre eles o poeta Oliveira Silveira) já homenageava Zumbi em Porto Alegre, estabelecendo a data de aniversário da sua morte, 20 de novembro, como contraponto às celebrações ao 13 de maio, tornando-se mais tarde o Dia da Consciência Negra no país e uma das principais bandeiras políticas do MNU.¹⁴ Mas é com a chegada de Mestre Miguel a Porto Alegre que o discurso político sobre a negritude passa a ser mais fortemente articulado com a prática dos capoeiristas. Mestre Miguel começa então um trabalho social no centro da cidade, região em que a capoeira era praticada quase somente nas academias privadas. Nesse contexto, muitos dos conflitos sociais enfrentados pela capoeira de rua nos anos 1970 também foram enfrentados por Mestre Miguel e o grupo Cativeiro na década seguinte. Conforme relembra o mestre:

Duro, né? A cultura negra no centro e tal, os meninos da Bom Jesus, jovens, crianças. (...) E a gente, como a gente – eu, no meu caso, um agente multiplicador – tinha obrigação moral de fazer isso. Mas em outras academias eles não tinham acesso. Sei lá, outro que tinha lá no centro era Cerqueira. Difícil um jovem, um garoto desse da Bom Jesus, qualquer periferia, treinar. (...) A gente fez roda aqui na Esquina Democrática, acho que foi o primeiro grupo a fazer roda ali. A ideia era isso mesmo. A polícia em cima, os brigadianos tudo ali em cima e botar a cultura negra ali. Foi difícil, eles ficavam desconfiados, a maior parte dos alunos capoeiristas eram da Bom Jesus, jovens, garotos e eles ali querendo reprimir. A gente achava que teria que levar eles pra rua. Na rua, botar na Esquina Democrática para divulgar o nome para eles conhecerem, ver o diferente, o real, e serem valorizados, reconhecidos (MESTRE MIGUEL, 2016).

Os enfrentamentos com as lideranças de outros grupos também foram recorrentes e eram atravessados pelo caráter agonístico da capoeiragem, como se pode perceber no depoimento de Mestre Índio: “o adversário mais difícil que eu peguei aqui foi Miguel, do Cativeiro. (...) Um grande homem, um grande capoeira, um grande adversário” (MESTRE ÍNDIO, 2020). Segundo o mestre, esta rivalidade teve início nas rodas de capoeira na Bahia, antes de se reencontrarem no Sul.

¹³ Sobre o surgimento do grupo Cativeiro e sua atuação na cidade de São Paulo, ver Reis (2013).

¹⁴ Ver <https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/20-de-novembro/>

A consolidação da capoeira angola em Porto Alegre

Foi somente nos anos 1990 que a capoeira angola se consolidou em Porto Alegre, a partir de uma diversidade de grupos que se constituíram reivindicando a identidade angoleira e desenvolvendo atividades conjuntas. Entretanto, esse processo teve início na década anterior, com a busca de muitos capoeiristas por esse estilo. Conforme argumenta Mestre Miguel,

Nesse período de 1980 eu não vi capoeira regional e não vi capoeira angola também, não vi. O que eu percebi, me identifiquei assim com a cultura negra, eram dois capoeiristas, a expressão deles dois jogando: o Churrasco e o Bartelemei.¹⁵ Aí sim, eu olhava os dois jogando assim e sentia como se tivesse na África. A expressão deles, dando risada e uma capoeira objetiva, tava tudo ali, mas um estilo característico de um estilo angola não tinha. Chamada na angola, uma negativa de angola, pé do berimbau, como saíam, não tinha isso aí. Pelo outro lado, a regional estava aí o Índio, tava a Muzenza. Muzenza também não era uma Capoeira Regional. O Índio, Oxóssi, também não era regional. Por quê? Porque não tinha a base, a metodologia de ensino da Regional, movimentos básicos, as sequências, jogo de luna, golpe de projeção, não existia o toque de São Bento Grande da Regional, não existia por aqui esses toques, Banguela... Pelo que eu vi não tinha esses estilos Angola e Regional. Três berimbaus numa roda, uma bateria, não existia... (MESTRE MIGUEL, 2016).

As palavras do mestre convergem com os depoimentos da maioria dos entrevistados para o projeto *Angola Poa*, que afirmam ouvir falar tão somente em capoeira nessa época, de modo geral. Vários, dentre eles, afirmam ainda que foi a partir de Mestre Miguel que ouviram falar nos estilos Angola e Regional, pois o mestre buscava ensinar os fundamentos de ambos no grupo Cativeiro. Entretanto, se não se fazia notório para a maior parte dos capoeiristas esse tipo de distinção formal na capoeira porto-alegrense antes da década de 1980, havia uma diferenciação que perpassa critérios sociais e raciais e que também se expressava esteticamente, conforme a fala de Mestre Miguel, acima, e também o depoimento de Mestre Paulo:

Antes a gente só jogava capoeira, a gente assumiu esse negócio de angola justamente porque esses caras da academia começavam a perseguir a gente... Os caras vinham querer acabar com a roda da gente, dizendo: “se eu ver alguém jogar no chão aqui, eu vou pisar por cima”. Aí então a gente começou a assumir essa bandeira de angola, Pastinha... Mas antes não tinha isso, a gente só jogava capoeira de qualquer jeito e tinha que tá preparado se o cara jogasse ligeiro, rápido, em cima, embaixo... (MESTRE PAULO, 2014)

¹⁵ Mestre Bartelemei é irmão e discípulo de Mestre Churrasco. Seu nome é apontado como um dos grandes capoeiristas da época.

Quando retorna à Bahia, em meados dos anos 1980, Mestre Miguel estreita os laços com a capoeira angola, que vivia um momento de fortalecimento (BARRETO, 2016; MAGALHÃES, 2012). Mestre Ratinho, à época professor do Cativoiro, passa a ir com frequência a Salvador e conviver com os mestres angoleiros. Durante a década de 1980, o grupo Cativoiro convida vários mestres da capoeira angola baiana para a realização de oficinas em Porto Alegre. Mestre Ratinho relembra:

Nós fizemos um evento ali com o Mestre Ananias e João Pequeno juntos. Poxa, foi uma glória aquele ano! E a turma de Canoas bombando com o Mestre Nô também, e Mestre Nô traz Curió pra cá, traz Mestre Bobó, traz Mestre Ferreirinha e nós com o João Pequeno e Ananias tudo junto. Fizemos um grande evento aqui, um visitando o evento do outro e todos esses mestres juntos, isso foi um marco também. A gente não pode negar o Mestre Nô na construção da capoeira aqui de Porto Alegre, não necessariamente dentro de Porto Alegre, em Canoas, mas Canoas é Porto Alegre também, tá do lado (MESTRE RATINHO, 2014).

O Grupo de Capoeira Angola Palmares, liderado por Mestre Nô, possui um núcleo na cidade de Canoas. Localizada ao lado de Porto Alegre, os capoeiristas de Canoas também contribuíram para o desenvolvimento da capoeira angola na capital. Atualmente, a circulação de capoeiristas entre as duas cidades é bastante intensa¹⁶. O Professor Renatinho também comenta sobre as atividades desenvolvidas na época:

Quando o Mestre Miguel começou a fazer um trabalho em Porto Alegre, aqui, o grupo Cativoiro trouxe a Porto Alegre vários mestres, não sei exatamente que data foi também, mas eu me lembro que teve uma grande roda. Veio Mestre João Pequeno, se eu não me engano Mestre Bobó tava aí também, Mestre Ferreirinha, Mestre Nô. Aí aquilo ali me impressionou mesmo, daí a partir daquele ano eu comecei a ir à Bahia a fim de buscar a capoeira angola mesmo (PROFESSOR RENATINHO, 2014).

Conforme Renatinho, após passar algum tempo vivenciando a capoeira na Bahia, ele visitou o Forte Santo Antônio, no Pelourinho, local que desde os anos 1980 abriga diversos grupos de capoeira, onde teve o primeiro contato com a capoeira angola baiana, numa roda do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP). A partir desse dia, seu interesse se volta para a capoeira angola e ele passa a ir anualmente à Bahia à procura dos mestres angoleiros. Renatinho era aluno de Mestre Cerqueira na antiga Academia Budokan. Alguns anos mais tarde, ele decide iniciar um trabalho autônomo voltado para a capoeira angola, fundando o Grupo de Capoeira Angola Sabedoria Popular juntamente ao Professor Jauri, seu colega de grupo à época, que também passa a viajar em busca dos conhecimentos da capoeira angola. Conforme explica Jauri:

¹⁶ Ver projeto Capoeira Canoas: <https://www.facebook.com/capoeiracanoas>

Durante um tempo da minha vida, pra ter mais conhecimento sobre a capoeira, depois da gente ter começado um trabalho, eu precisei ir em busca. Aí viajei pelo Brasil alguns anos vendendo o meu artesanato, também uma forma de poder transpor os limites, né? Cidade, cidade, cidade... Poder chegar nos lugares e procurar a capoeira, ficar o tempo necessário, não ter que ficar um tempo determinado, dois, três dias. Não, ficar um mês, buscando e pesquisando (PROFESSOR JAURI, 2014).

A trajetória de Mestre Baptista é semelhante. Iniciou capoeira na Academia Kikodokan com Mestre Monsueto e Mestre Cerqueira, migrando mais tarde para o grupo Muzenza, onde foi formado contramestre de capoeira por Mestre Paulinho. Em 1986, ele viaja a Salvador e vivencia a capoeira angola no Forte Santo Antônio, retornando para Porto Alegre decidido a se dedicar a esse estilo: “De estar lá no Forte Santo Antônio, onde o Mestre João Pequeno dava aula, fazendo um evento, e eu tomei um choque e disse: “poxa, é isso que eu quero!” (MESTRE BAPTISTA, 2014). É com esse objetivo que funda, em 1989, o Grupo de Capoeira Angola Mocambo e, desde os anos 1990, tem como principal referência o Mestre Barba Branca, mestre que conheceu durante uma viagem a Salvador. Mestre Baptista é funcionário público da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e, em 1994, recebeu um convite para ministrar aulas de capoeira no Ginásio Tesourinha, no bairro Cidade Baixa. Desde então, o local passou a ser a sede do grupo.

A década de 1990 foi, assim, o período de consolidação da capoeira angola em Porto Alegre, com o surgimento de vários grupos voltados especificamente para esse estilo, que compõem em grande parte o cenário angoleiro atual na capital gaúcha. Em 1995, os mestres Ratinho e Jaburu se afastam do grupo Cativo e fundam o grupo Rabo de Arraia (Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia – ACCARA). Para a inauguração, foi realizado um evento com a presença do renomado Mestre João Pequeno, que apadrinou o grupo e se tornou uma referência importante para o Rabo de Arraia. Desde então, o grupo realiza eventos e traz mestres de outros estados a Porto Alegre, fortalecendo a prática da capoeira angola na cidade. Foi num desses eventos, por exemplo, que Renatinho e Jauri conheceram Mestre Lua de Bobó, atualmente a principal referência do grupo Sabedoria Popular.

Também no início dos anos 1990, Mestre Paulo de Jesus e Mestre Renato Capoeira fundaram o grupo Be-a-bá (Escola do Bê-á-bá de Angola: Malta dos Gurus e Gurias de Rua), onde buscam transmitir os ensinamentos da capoeira angola

inseridos em um contexto mais amplo das tradições de matriz africana, especialmente o samba de roda e a fabricação artesanal de tambores. O nome “malta”, inspirado nas antigas maltas cariocas, chama a atenção para a trajetória dos capoeiristas do grupo, composto por “guris e gurias” (e aqui o acento é para a origem gaúcha) que, conforme explica Mestre Renato, não eram propriamente “de rua, mas a gente convivia muito nas ruas de Porto Alegre”.

De acordo com Mestre Paulo, havia em Porto Alegre uma ideia de capoeira angola muito vinculada à linhagem pastiniana, com a qual alguns capoeiristas não se identificavam. Em 1996, o grupo Beabá traz a Porto Alegre o Mestre Renê Bittencourt, líder e fundador da Associação de Capoeira Angola Navio Negreiro (ACANNE), com sede em Salvador, discípulo de Mestre Paulo dos Anjos. Mestre Paulo relembra esse momento:

Teve uma época, eu acho que foi em 1992, 1994, eu fui pra Salvador e encontrei o Mestre Ciro Rasta, e encontrei o Churrasco também, que tava morando lá. O Churrasco não era bom capoeirista só aqui não, lá ele era bem famoso. E eu andava com o Mestre Ciro e ele me apresentou algumas pessoas. E teve um dia que ele me apresentou um cara com um chapéu preto e cabelo curto. E a roupa toda escura, com uma cara brava. E ele falou: “Esse aqui é o mestre Renê”. Aí o Mestre Renê veio aqui e trouxe uma outra concepção de angola. E aí quebrou aquela coisa... Sei lá, o tipo de capoeira que ele joga, do Paulo dos Anjos, é uma angola diferente, é uma angola mais de pé (MESTRE PAULO, 2014).

Foi nesse evento que Mestre Guto, à época aluno do Rabo de Arraia, conheceu Mestre Renê. Mestre Guto começou a capoeira em 1988, no grupo Cativoiro, com Mestre Fernando (um dos ex-alunos de Mestre Churrasco no grupo Zumbi dos Palmares que migrou para o Cativoiro nos anos 1980) e, mais tarde, com Mestre Ratinho, acompanhando-o na fundação do seu novo grupo. Em 1998, ele se desliga do Rabo de Arraia e se aproxima de Mestre Renê, inaugurando um núcleo da ACANNE em Porto Alegre:

Eu fiquei no Rabo de Arraia até 1998. Em 1996, em um evento aqui em Porto Alegre, feito pelo hoje Mestre Renato, eu conheci o Mestre Renê Bittencourt, de Salvador. E aí nos identificamos enquanto capoeira, enquanto pessoa, a forma como ele interpretava o mundo, a questão de negritude também, e no início de 1998 eu comecei a fazer um trabalho juntamente com o Mestre, desenvolvendo um trabalho da ACANNE (Associação de Capoeira Angola Navio Negreiro) aqui em Porto Alegre sob orientação do Mestre Renê. Esse trabalho da ACANNE funcionou até 2003, foram 5 anos (MESTRE GUTO, 2014).

Em 1995, chega a Porto Alegre a maranhense Mestra Elma, à época professora de capoeira angola, aluna de Mestre Patinho, fundador da Escola de Capoeira Angola

Laborarte¹⁷. Na capital gaúcha, ela encontra um grupo de jovens oriundos da somaterapia que praticavam capoeira angola e estavam à procura de uma referência. Juntos, eles fundaram o grupo Solta a Mandinga. No ano seguinte, o grupo realiza um evento com a participação de Mestre Patinho, que concede a Elma o título de Contramestra. Mestre Elma permaneceu no grupo por três anos, afastando-se em seguida. Alguns integrantes a acompanharam nesse processo e em 1999 ela funda em Porto Alegre o Grupo de Capoeira Angola N'Zambi. Mestre Elma foi a primeira mulher a liderar um grupo de capoeira angola em Porto Alegre, numa época em que surgiam as primeiras lideranças de mulheres angoleiras¹⁸, e as discussões sobre gênero na capoeira passaram a fazer parte da agenda do grupo.¹⁹

Mestre Patinho foi discípulo de Mestre Sapo, um dos precursores da capoeira no Maranhão. Assim, nos anos 1990, Porto Alegre já contava com uma diversidade de linhagens de capoeira angola, com grupos que realizavam eventos regularmente, trazendo mestres de outros estados para a realização de vivências e oficinas de capoeira. Um momento de forte articulação dos grupos de capoeira em Porto Alegre, lembrado por Mestre Elma, ocorreu durante a organização do II Fórum Gaúcho de Capoeira, em 2001. Um dos pontos de articulação dos capoeiristas naquele momento foi a necessidade de fazer frente às tentativas de regulamentação da capoeira pelos conselhos de Educação Física. Além dos mestres gaúchos, o evento contou com grandes nomes da capoeira no país, como os mestres Bigodinho e Augusto Januário, da Bahia, e Mestre Leopoldina, do Rio de Janeiro. Conforme Mestre Elma:

Então esses grupos se reúnem e formam esse coletivo. Então olha a força que, ao mesmo tempo que há essas separações, essas escolhas por parte de alguma liderança e algo dentro do grupo, é enriquecedor porque há uma alavanca assim de movimentação política dos grupos de capoeira angola aqui em Porto Alegre. E a gente vai dialogar com o Estado e a gente começa a fazer encontros onde um vai visitar o outro, que até então havia um estranhamento. De repente quebra-se isso e vai um no encontro do outro, prestigia (MESTRA ELMA, 2016).

Mestra Elma permanece em Porto Alegre até 2003, quando migra para Brasília e começa a desenvolver um trabalho com o N'Zambi naquela cidade. Com a saída da mestra, o grupo logo encerra as atividades em Porto Alegre. Em 2015, quando gra-

¹⁷ Sobre a trajetória da Mestre Elma, ver também Dantas (2019).

¹⁸ Em 1995, mesmo ano em que Mestre Elma assume a liderança do grupo Solta a Mandinga, foi fundado em São Paulo o grupo Nzinga, que tem as mestras Janja e Paulinha entre as lideranças. Atualmente, o grupo é uma das principais referências na promoção de debates em torno das questões de gênero na capoeira.

¹⁹ Em 2001, Mestre Elma ajudou a organizar a mesa *Gênero e Capoeira*, durante a realização do II Fórum Gaúcho de Capoeira, da qual foi uma das participantes.

vamos o seu depoimento para o Angola Poa, a mestra estava na cidade realizando oficinas para um grupo de capoeiristas. Em 2017, o grupo retomou as atividades do N'Zambi em Porto Alegre, sob coordenação da Contramestra Vivi, sua aluna desde a fundação do grupo Solta a Mandinga.

O grupo Solta a Mandinga seguiu atuante em Porto Alegre após a saída da Mestre Elma e, nos anos seguintes, se aproximou do Mestre Boca do Rio, de Salvador, fundador do grupo Grupo de Capoeira Angola Zimba, que já havia participado dos eventos promovidos pelo grupo em Porto Alegre. Conforme argumenta o Professor Vermelho:

E aí em um desses eventos que a gente fazia, que se chamava “Vem Jogar Mais Eu”, a gente sempre trazia alguém de fora. Isso era um evento anual, abria para as outras pessoas de fora também, fazia oficinas. E em um desses, em 1997, a gente trouxe o Mestre Boca do Rio. Porque a gente acreditava na questão de como ele descendia da linhagem direta de Mestre Pastinha, Mestre João Grande, Mestre Moraes que era o Mestre dele e o Mestre Cobra Mansa, a gente passou a optar por essa linhagem. E quando houve essa ruptura que a Elma saiu a gente passou a optar então por essa referência mais direta do Boca do Rio. (...) Em 2000, a gente passou a assumir: “a nossa referência é tu, Boca” (PROFESSOR VERMELHO, 2014).

Em 2003, o grupo realizou um evento em Porto Alegre com a presença do Mestre Boca do Rio, que os convida a integrar o grupo Zimba. Desde então, o grupo desenvolve atividades em Porto Alegre e atualmente é coordenado pela Treinel Fabi²⁰.

No mesmo ano, Mestre Guto fundou a Áfricanamente Escola de Capoeira Angola, em um momento de afastamento da ACANNE, retomando logo em seguida os laços com Mestre Renê. Atualmente, ele é o mestre orientador da Áfricanamente e foi quem concedeu a Guto o título de contramestre de capoeira, em 2010, e posteriormente o de mestre, em 2019. Atualmente, a Áfricanamente atua como escola de capoeira angola e Ponto de Cultura, realizando diversas atividades de promoção e pesquisa das expressões culturais de matriz africana e da luta antirracista, com rodas de capoeira angola semanais abertas ao público.

Após a virada do século, novos grupos surgem em Porto Alegre. A maioria deles, entretanto, é fruto dos desdobramentos daqueles grupos já constituídos nos anos 1990. Nesse processo, é criado também em 2005 o Movimento Cultural de Capoeira Angola Guayamuns²¹, sob liderança de Mestre Jaburu, após se afastar do

²⁰ Treinel Fabi é uma das trajetórias abordadas na dissertação de mestrado da Contramestra Vivi (Barbosa, 2017).

²¹ Datas conforme informa o site do grupo: <https://guayamuns.wixsite.com/mestrejaboru> (acesso em 20/07/2021).

grupo Rabo de Arraia, juntamente a alguns dos seus alunos. De acordo com o mestre, “foi legal, com o Ratinho, mas eu comecei a esquecer de mim mesmo, da minha pernada. Comecei a esquecer das minhas origens, das minhas coisas, do meu jeito que eu era, do jeito que eu sou. E é aí que vem o grupo Guayamuns” (MESTRE JABURU, 2014). Assim, Mestre Jaburu começa a resgatar, com o novo grupo, o estilo da capoeira carioca que marcou a sua formação com Mestre King, no Rio de Janeiro. O nome do grupo é representativo dessa busca, homenageando a famosa malta carioca do século XIX.²² Mestre Ratinho seguiu à frente do grupo Rabo de Arraia, estreitando os vínculos com o mestre baiano Moa do Katendê, com quem tinha proximidade desde a época do Cativeiro. Em 2012, Mestre Moa reconhece oficialmente Mestre Ratinho como mestre de capoeira angola, embora ele já fosse, há muitos anos, considerado mestre pela comunidade angoleira porto-alegrense.

Ainda no final dos anos 1990, Mestre Kunta Kintê se desvincula do grupo Oxóssi para se dedicar à capoeira angola, fundando a Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Em seguida, ele migra para o litoral e seu aluno Jean Sarará se torna a referência do grupo na capital, sendo formado contramestre em 2014. Dentre os trabalhos desenvolvidos pelo grupo, ganha destaque a realização da Roda do Chafariz, realizada todos os domingos à tarde junto ao chafariz localizado no centro do Parque da Redenção. A roda teve início em 2003, por um conjunto de capoeiristas, durante a realização do terceiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre. De acordo com Contramestre Jean:

É uma roda semanal que acontece todos os domingos. Ela tem a contribuição de várias escolas de capoeira angola e de amigos e simpatizantes da capoeira regional, capoeira de rua, que acontece todos os domingos no final de tarde. (...) aos poucos essa roda de capoeira se tornou um ponto de encontro dos angoleiros e das angoleiras de Porto Alegre. E os mais antigos, que são referências de capoeira angola aqui da cidade, eles acabaram me nomeando um guardião dessa roda, por estar todo domingo ali. Desse pessoal que iniciou a roda, eu posso dizer que fui o que deu continuidade, e ainda dá continuidade, nesse trabalho. Hoje já incorporando alguns alunos da escola também, que estão sempre, todos os domingos, lá (CONTRAMESTRE JEAN, 2014).

Atualmente, o Parque da Redenção é um dos principais espaços de lazer na área central de Porto Alegre e serve de palco para diversas atividades culturais, reunindo pessoas dos mais diferentes bairros da cidade nos finais de semana. Assim, a maioria dos grupos de capoeira angola da cidade também realiza rodas ou desenvolve outras atividades nas imediações do parque, com caráter esporádico. Outra característica

²² Nagoas e Guayamuns eram as duas principais maltas do Rio de Janeiro no século XIX. Ver Soares (1994).

transversal à história desses grupos é o desenvolvimento de trabalhos, por parte dos líderes ou de seus alunos, em projetos sociais ou organizações comunitárias. Cabe destacar a atuação do grupo Rabo de Arraia no Quilombo dos Machado, sob responsabilidade do Professor Caçapa, onde realiza rodas mensais que são frequentadas por capoeiristas de vários grupos.

Considerações finais

Buscamos, a partir da oralidade dos mestres e lideranças, apresentar a emergência e desenvolvimento da capoeira angola na capital gaúcha a partir das suas memórias e trajetórias. Podemos perceber a maior influência do Rio de Janeiro entre os capoeiristas até a década de 1970, especialmente aqueles ligados à ACAZUP. A partir da década de 1980, após a chegada de Mestre Miguel a Porto Alegre, num momento que coincide com o fortalecimento da capoeira angola na Bahia, é que este estado começa a se tornar uma forte referência para muitos capoeiristas porto-alegrenses, que passam a realizar eventos com a presença de mestres baianos e a viajar para Salvador em busca de conhecimento sobre a capoeira angola.

É interessante perceber a influência que os grupos locais exerceram uns sobre os outros nesse processo, fortalecendo e expandindo a capoeira angola na cidade de Porto Alegre. Para muitos capoeiristas no sul do país – na época, sobretudo, mas ainda atualmente – os eventos realizados por grupos locais são oportunidades para conhecer os mestres da capoeira angola da Bahia, e também de outros estados, aprofundando os conhecimentos sobre a capoeira, participando de vivências e construindo vínculos. A realização de oficinas de capoeira angola não era uma novidade somente em Porto Alegre nos anos 1980. Ao contrário, foi em meados daquela década que este tipo de evento começou a ocorrer em Salvador, expandido-se para o resto do país nos anos seguintes. Assim, foi nos anos 1990 que se constituiu a quase totalidade dos grupos voltados para a capoeira angola (à exceção, apenas, da ACAZUP), vários deles atualmente sob orientação de mestres baianos.

Nos dias de hoje, há uma pluralidade de grupos de capoeira angola em atuação na cidade, pertencentes a diversas linhagens, que promovem rodas de capoeira e eventos de grande importância política e cultural para a cidade, em um estado em que a cultura negra é historicamente invisibilizada pelos meios dominantes

de comunicação. No extremo sul do Brasil, o fluxo de viagens em busca de conhecimento sobre a capoeira, bem como a realização de eventos e oficinas com mestres da Bahia e de outros estados, ainda alimenta o movimento da capoeira angola porto-alegrense.

Referências:

- BARBOSA, Viviane Malheiro. *Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2017.
- BARRETO, Paula Cristina da Silva. *Tensões em torno da definição da capoeira como expressão cultural negra: reconstruindo as pontes entre o Brasil e a África*. CIAS Discussion Paper No. 64: Capoeira Angola, an Afro-Brazilian Culture: The World Connected through Bodies that Dialogue, p. 64-75, mar. 2016
- BRITO, Celso de. *A mobilização dos símbolos religiosos na capoeira: sincretismos e antissincretismos*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 12, n. 19 p. 53-75, jan./jun. 2011.
- CARVALHO JUNIOR, Érico Tavares de. *O efeito tradicional: histórias, memórias e trajetórias na capoeira angola de Porto Alegre/RS*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre. 2019.
- _____. *Entre Capoeiras e Capoeiristas: Religiosidade e cosmopolítica em um grupo de capoeira em Porto Alegre/RS*. TCC de graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- COUTINHO, Daniel [Mestre Noronha]. *O ABC da capoeira angola: os manuscritos do Mestre Noronha*. Centro de Documentação e Informação Sobre a Capoeira – CIDOCA/DF: Brasília, 1993.
- DANTAS, Raquel G. *Corpo-comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira*. Tese de Doutorado. Faculdade de Comunicação Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
- DIAS, Adriana Albert. Os Fiéis da Navalha: Pedro Mineiro, capoeiras, marinheiros e policiais em Salvador na República Velha. *Afro-Ásia*, UFBA, v. 32, p. 271-303, 2005.

DORNELLES, Ederson Alberto Teixeira. *Monsueto, Nino Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2011.

DUTRA, Mário Augusto da Rosa [Mestre Guto]. *As matrizes, o início e o desenvolvimento da Capoeira em Porto Alegre nos anos 70*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2019.

GRAVINA, Heloisa C. *Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar: políticas angoleiras em performance na circulação Brasil-França*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HÖFLING, Ana Paula. *Staging Capoeira, Samba, Maculelê and Candomblé: Viva Bahia's Choreographies of Afro-Brazilian Folklore for the Global Stage*. In: ALBUQUERQUE, Severino J.; BISHOP-SANCHEZ, Kathryn (orgs). *Performing Brazil: Essays on Culture, Identity, and the Performing Arts*. University of Wisconsin Press, 2015. p. 98-125.

MAGALHÃES FILHO, Paulo A. *Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na capoeira angola baiana*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MATTOS, Jane Rocha de. *Pulera e Birú: Índícios da capoeira na Porto Alegre dos séculos XIX e XX*. 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/pulera-e-biru-indicios-da-capoeira-na-porto-alegre-dos-seculos-xix-e-xx/22017/#ixzz2ZpTbzuGL>.

PEREIRA, Patrícia Gonçalves. *O quilombo dos machado e a pedagogia da ginga: deslocamentos em busca da vida*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

POGLIA, Marco A. S. *Todo mundo não é um, paraná! Uma perspectiva etnográfica sobre a capoeira angola*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, 2014.

_____. *Mandinga, malícia e manha: por uma cosmopolítica angoleira*. TCC de graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

POGLIA, Marco A. S. e DOBROVOLSKI, Magnólia. *Angola Poa: expressões da capoeira angola em Porto Alegre*. 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UC2j2jSQ-duV1ATGfYzo6Ufg/videos>

PORTO ALEGRE, Achylles. *História popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. *O Jogo de Identidades na Roda de Capoeira Paulistana*. Ponto Urbe [Online], 13, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.748>

SILVA, Cássio Henrique Silva da. *A capoeira joga com a dureza da vida: o resgate da capoeira angola conectando etnicidade, estratégias de resistência negra e protagonismo cultural em porto alegre*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

TERRA, Eloy. *As ruas de Porto Alegre*. Porto Alegre: AGE, 2001.

VIEIRA, Patrícia Gonçalves. *Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Entrevistas:

CONTRAMESTRE JEAN. *Angola Poa: Contramestre Jean Sarará*. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A_S5asnUE6E

MESTRA ELMA. *Angola Poa: Mestre Elma*. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5_njv5hBfY8

MESTRE BAPTISTA. *Angola Poa: Mestre Baptista*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4BWZ8Lc9fzE>

MESTRE CHURRASCO. *Angola Poa: Mestre Churrasco*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eSiBDKi3fGo>.

MESTRE GUTO. *Angola Poa: Contramestre Guto*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PJSyagXHDk8>

MESTRE ÍNDIO. *Mestre Índio – Memórias da luta do Povo Negro em Porto Alegre*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=snHAMILIVFtg>

MESTRE IVONEI. *Angola Poa: Mestre Ivonei*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvP6CcHlvSc>

MESTRE JABURU. *Angola Poa: Mestre Jaburu*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQnZ5eFYkt0>

MESTRE MIGUEL. *Angola Poa: Mestre Miguel Machado*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KvCenDTFbXY>.

MESTRE PAULO. *Angola Poa: Mestre Paulo*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fz6bkRZOAzi>

MESTRE RATINHO. *Angola Poa: Mestre Ratinho*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScywtvLSxql&>

MESTRE RENATO. *Angola Poa: Mestre Renato Capoeira*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PSz57J5GHJI>

PROFESSOR JAURI. *Angola Poa: Professor Renatinho e Professor Jauri*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H1MnSNEImV4>

PROFESSOR RENATINHO. *Angola Poa: Professor Renatinho e Professor Jauri*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H1MnSNEImV4>

PROFESSOR VERMELHO. *Angola Poa: Professor Vermelho*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fmn3skXpyll>